

# O QUE A VIDA QUER DA GENTE?

## Notas sobre o caráter nobre de Riobaldo

Fábio Galera<sup>1</sup>

### RESUMO

A reflexão acerca do *caráter* (*ethos*) de Riobaldo, personagem da obra literária *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, impõe questões fundamentais para o nosso tempo em crise, especialmente no que concerne ao *animo* vital, ao espírito que deve governar nossas ações de enfrentamento das adversidades. O contexto da discussão aqui proposta compreende sua *travessia*, como um movimento vital de *autosuperação*.

**Palavras-chave:** Riobaldo; autosuperação; caráter nobre; vida; procura.

### ABSTRACT

Reflection on the *character* (*ethos*), a personage in the literary work *The Devil to Pay in the Backlands*, by Guimarães Rosa, imposes fundamental questions for our time in crisis, especially with regard to the vital spirit, the spirit that should govern our actions to face adversity. The context of the discussion comprises its *passage*, as a vital movement of self-overcoming.

**Key words:** Riobaldo; self-overcoming; noble character; life; demand.

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Ciência da Literatura (UFRJ), Mestre em Filosofia (UFF), licenciado em Letras e em Filosofia, especialista em Literatura Infanto-juvenil (UNESA) e em Educação Especial (UNIRIO). Professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques – FTESM, além de coordenar o Curso de Letras na FTESM. Autor do livro *Caminho, Poética, Acontecimento* e coautor dos livros *Convite ao Pensar* e *O Educar Poético*.

## INTRODUÇÃO

A travessia de Riobaldo pelo *Grande Sertão* é caracterizada pela busca de si mesmo, num movimento de autossuperação. Em sua narrativa, caracterizada como a narrativa de sua busca, Riobaldo conta a *gã* que o impulsiona e o movimenta em direção à autossuperação da própria vida, que nunca cessa<sup>2</sup> – diga-se de passagem –, para que ele pudesse assumir uma vida própria, uma vida plenamente realizada, desde si, a partir de si mesma, a partir do seu *ethos*. Na verdade, esse movimento reflete uma busca, melhor, uma *procura* que pode ser estendida a todo homem, todo humano. É por tudo isso que Riobaldo queria entender e desdobrar a *matéria vertente* de sua vida, eis o que é importante: “Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da *gã* que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder.” (ROSA, 2006, p. 100). As coisas importantes são todas concernentes à vida que nos dirige. Ele queria exatamente entender esse lugar que o constitui propriamente.

No entanto, dispor-se a esta procura, não é para qualquer um. Se quisermos utilizar o vocabulário de Nietzsche, essa é a caracterização de todo homem nobre, grande, livre, criador, que busca sua plenitude, que busca afinar-se e medir-se com a medida mesma da vontade da vida, que se encaminha de si mesma para si mesma, para o caminho de sua própria solidão<sup>3</sup>. Esse é o homem desperto, quer dizer, acordado, aceso, afinado com a necessidade própria de autossuperação da vida, sintonizado com a necessidade

---

2 Ver *Da superação de si mesmo*, em NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. 1. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 110.

3 Ver *Do caminho do criador*, NIETZSCHE, 2018, p. 59.

da *pro-cura* de si. No caso de Riobaldo, sua procura se concretiza na travessia do *Grande Sertão*, desafiado por suas questões íntimas de conquista de coragem, liberdade, temporalidade própria<sup>4</sup>. Tais conquistas se realizam paralelamente ao seu exercício concreto de viver, e, por isso, torna-se inevitável o exercício não menos importante de alcançar a liderança do bando de jagunços, alinhados com a vingança pelo assassinato do chefe Joca Ramiro, pai de Diadorim (ou, Maria Deodorina, seu mais intenso e verdadeiro amor).

Em sua travessia, Riobaldo realiza feitos excelentes, todos associados a sua procura, a procura de si, efetuando o movimento de autorealização, autossuperação da própria vida. Há em sua *autonarrativa*, na narrativa de *Grande Sertão: Veredas*, pelo menos três momentos de autossuperação, marcados pela alteração de seus epítetos, quais sejam os nomes que designam seu momento existencial, sua força vital, em modos distintos, diferenciando-se, que revelam distintos estágios de intensificação e agravamento de seu caráter/*ethos*. É essa a função de um nome: “Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe.” (ROSA, 2006, p. 156). Os nomes que Riobaldo dispõe em sua travessia acolhem seus modos de ser. De professor de Zé Bebelo, passa a *jagunço* do bando de Joca Ramiro<sup>5</sup>, e por ser excelente atirador, torna-se *Riobaldo Tatarana*<sup>6</sup>; num segundo movimento existencial, Riobaldo passa

---

4 Ver a tese *Ser homem no grande sertão: travessia, tempo, ser*, de Fábio Galera Moreira.

5 É possível apontar o rito de travessia do Rio-de-Janeiro, momento em que Riobaldo conhece Reinaldo como sendo o rito que garante sua passagem a jagunço do bando de Joca Ramiro. Riobaldo não teria permanecido no bando se não houvesse reconhecido a presença do *menino* Reinaldo junto ao bando.

6 Cf. “E pois, conforme dizia, por meu tiro me respeitavam, quiseram pôr apelido em mim: primeiro cerzidor, depois Tatarana, lagarta-de-fogo. Mas firme não pegou. Em mim, apelido quase não pegava. Será: eu nunca esbarro pelo quieto, num feito?”, ROSA, 2006, pp. 162-163. Há uma observação de Julia Conceição Fonseca Santos, em seu livro *Nomes dos personagens em Guimarães Rosa*, que vai ao encontro do que se

de Tatarana e pactário a *Urutu Branco*<sup>7</sup>, chefe do bando, rebatizado por Zé Bebelo: “Ah: o Urutu Branco: assim é que você devia se chamar...” (ROSA, 2006, p. 338); em seu terceiro movimento existencial de autosuperação, Riobaldo passa de Urutu Branco e chefe de bando de jagunços a Riobaldo narrador, quando conhece o compadre Quelemém e conta sua travessia pela primeira vez<sup>8</sup>. Em sua última viragem, seu caráter acumulado de cerzidor, que furava corpos à bala, passa a cerzidor de estórias, reunindo num tecido uno sua travessia em forma narrativa, bem como juntando em si os seus vários modos de ser. Como ele mesmo já sabia: “Deveras se vê que o viver da gente não é tão cerzidinho assim?” (ROSA, 2006, p. 110).

Tais denominações coincidem necessariamente com modos distintos de ser de Riobaldo, descritos em momentos específicos da narrativa, em alguns casos elaborados por ritos que descrevem a passagem de um momento para outro no plano narrativo. Identificamos tais momentos de autosuperação como momentos de tornar-se mais radicalmente o que Riobaldo precisava se tornar. Essas transformações parecem revelar um crescimento, uma elaboração, um refinamento e elevação das

---

pretende esboçar acerca de seus momentos de transformação: “O chamar-se Riobaldo Tatarana, corresponde, pois, a um dado momento de sua vida em que ele começa a sair do anonimato e dependente estado de aprendiz de jagunço, para – confirmada a sua excelência de atirador – começar a tomar consciência da sua situação como jagunço, e querer influir nas decisões do bando”, SANTOS, 1971, p. 155.

<sup>7</sup> Interessa lembrar o comentário de Julia Conceição a propósito da caracterização de Riobaldo como Urutu Branco: “Temos, portanto, dois nomes guerreiros (Tatarana e Urutu Branco) que se sucedem no tempo, caracterizando uma certa linha de ação e concepção de vida do personagem, denominações estas que se superpõem à denominação duradoura e subjacente de Riobaldo, que se prende às características mantenedoras da sua unidade de caráter, embora a sua diversidade permaneça também como uma marca dele próprio” SANTOS, 1971, p. 157.

<sup>8</sup> Cf. “Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou meu contar minha história inteira.”, Rosa, 2006, p. 607.

possibilidades do humano, nele, em Riobaldo, apresentando um tipo destacado, até tomar ciência plena de que o que há é o *homem humano*, compreendendo-se como uma travessia<sup>9</sup> de vida. Riobaldo vai descobrindo, em cada passagem, o acolhimento das forças vitais, o acolhimento de sua própria força, a força que se dispõe para ele, que o qualifica, que o caracteriza em cada passo. Apontamos aqui três momentos, porém, essa é somente uma tentativa de *cerzir* sua trajetória, ou acompanhar o passo de suas transformações num perfil que pretendemos identificar como uma *caminhada para a sua excelência*. Como o próprio Riobaldo percebe, a propósito de transformações fundamentais: “Muita coisa importante falta nome” (ROSA, 2006, p. 109). Portanto, eis a nossa pergunta: nobre seria seu caráter – se o quisermos afinar pelo diapasão de Nietzsche<sup>10</sup>?

---

9 A justa compreensão das formas típicas assumidas por Riobaldo ao longo da travessia, para fazer jus à obra *Grande Sertão: Veredas*, não pode deixar de considerar que as figuras que vão sendo assumidas por Riobaldo (Tatarana, Urutu Branco) compõem suas máscaras, porém não de maneira unívoca e lógica. Veja-se, para tal compreensão, o exercício de “aprender a não ver, no espelho, os traços” (ROSA, 2001, p. 124) que compõem a persona, chegando a, alcançar apenas “o ainda-nem-rostro – quase delineado, apenas, – mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal” (ROSA, 2001, p. 127), disponível no conto *O espelho*, de Guimarães Rosa. Tal *emergência* revela apenas que “a ‘vida’ consiste em experiência extrema e séria [...] exigindo o consciente alijamento, despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra” (ROSA, 2001, p. 128).

10 Ver principalmente *O que é nobre*, em NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal*. 1. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; ver *Assim falava Zaratustra*; e ainda “*Bom e mau*”, “*bom e ruim*”, em NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral*. 1. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

## CARÁTER POÉTICO E *ETHOS*

Para falarmos do *caráter* de um personagem literário, é justo procurar alguma orientação, ainda que inicialmente, a partir das considerações de quem primeiro abordou tal questão na *poesia*, principalmente quando se trata de falar dos personagens de *caráter elevado*, como está suposto ser o caso de Riobaldo. Aristóteles foi o primeiro, primeiríssimo a falar sobre nobreza, excelência, no âmbito da *poiesis mimética*. Para tanto, convém elaborar duas breves notas a propósito da interpretação da *Poética*.

Todas as traduções e interpretações da *Poética* aqui consultadas demonstram uma unanimidade por parte dos tradutores que verteram a obra do grego. Tal concordância se refere à tradução da palavra que determina as espécies de *mímesis*, segundo seu *objeto*: o *caráter* (*ethos*). Para a *Poética*, o caráter é um aspecto importantíssimo que distingue as espécies de poesia em função dos homens que são imitados. E caráter, pode-se dizer, fala acerca do que possibilita a individualização e diferenciação dos homens/personagens, é como uma perspectiva, uma abertura de mundo que constitui o personagem, abertura a partir da qual se pode atribuir sentido às suas ações e posteriores qualificações. O caráter seria justamente o lugar de proveniência, o sentido das ações, de onde advém a direção. Parece que é do *ethos* que vem a *gã*, o que dá origem aos tantos atos que realizamos. Caráter é como uma demarcação, um traço, uma forma que cunha o homem, uma abertura tal, é a estrutura ontológica que constitui as ações do homem/personagem e que o torna tal como é<sup>11</sup>. O

---

11 Aqui, nossa interpretação adianta uma perspectiva divergente da leitura tradicional da *Poética* de Aristóteles. Aqui, ficará evidenciado adiante, procuramos pensar *caráter* como *ethos*, e *ethos* como o elemento, a estância de realização e autorealização do homem. Ver o posfácio de *Ser e Tempo*, de Emmanuel Carneiro Leão, onde ele aproxima

caráter, segundo Aristóteles, é aquilo que se evidencia quando “as palavras e as ações derem a conhecer alguma propensão”. Assim, seria aquilo que se torna evidente, enquanto inclinação e sentido, quando da manifestação das ações de um personagem, revelando uma propensão, uma tendência, direção. Propensão é inclinação, tendência para um modo de ser. Se por acaso tal propensão, tal inclinação “for boa, é bom o caráter” (ARISTÓTELES, 1984, p. 252), é nobre e elevado, assim o poderemos dizer.

Não podemos esquecer que, conforme nos diz Aristóteles, “os imitadores imitam homens que praticam alguma ação” (ARISTÓTELES, 1984, p. 242) e não imitam direta e exclusivamente o caráter de um homem, seu *ethos*. Isso porque, no caso da tragédia, a imitação é de “ações e de vida, de felicidade [e infelicidade; mas felicidade] ou infelicidade, reside na ação, e a própria finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade” (ARISTÓTELES, 1984, p. 246). Portanto, a imitação do poeta não imita um caráter nem os caracteres de um homem. Assim, o caráter, exclusivamente, não deve ser o fim último e exclusivo, nem da imitação nem de nossa investigação. O que nos importa observar é como as transformações no caráter de Riobaldo possibilitam que este venha a se autorealizar através de suas ações, à medida que o seu caráter cresce e se torna a cada passo mais forte, mais nobre, mais grave, mais certo e seguro de si, ao mesmo tempo mais frágil e mais dócil ao seu próprio destino. De algum modo, o que dissemos acerca de caráter é dito por Aristóteles, porque as personagens não agem “para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efetuar certas ações” (ARISTÓTELES,

---

*ethos* e ser: “O ser é, pois, a estância, na palavra de Heráclito, o *ethos*, onde o mistério convoca e atrai o homem”, LEÃO, Emmanuel Carneiro. Posfácio. In: HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 555.

1984, p. 246).<sup>12</sup> Mas adiante ele diz que o caráter “é o que revela certa decisão ou, em caso de dúvida, o fim preferido ou evitado” (ARISTÓTELES, 1984, p. 247). Portanto, caráter e ação estão intimamente relacionados.

Mas o que, afinal, Aristóteles compreende por *caráter* e *ação*? Qual a relação entre o caráter e as ações dos personagens na *Poética*? Que condição o texto da *Poética* nos oferece para pensar o *caráter* que constitui um personagem, levando-se em conta a nossa situação histórica, situação em que o sujeito e sua subjetividade são o domínio que impera? Será possível hoje fazermos a experiência do que está dito na *Poética* acerca do caráter? Hoje, quando enunciamos a palavra caráter, nos vem de imediato a imagem de uma *substância* do humano, um elemento, um algo que possui ou apresenta *caracteres*, *características*, subjetivas, é claro, e inerentes a tal substância, certamente, pertencentes ao sujeito. Daí, dizemos: *este é um homem de caráter*, pretendendo expressar que alguém tem boas qualidades em sua natureza, em sua substância, em sua alma, demonstrando boas qualidades inerentes; *fulano desde a infância apresenta desvio de caráter*, tem caráter falho, feio, ou seu caráter é mau, ruim, falta-lhe algo em sua substância, falta algo no sujeito; *aquele homem não tem nenhum caráter*, pois suas ações são inadequadas e causam prejuízos às pessoas, o sujeito é inteiramente desprovido de caráter, de virtude. Isto é o que parece dizer Aristóteles na seguinte passagem: “*caráter*, o que nos faz dizer das personagens que elas têm tal ou tal qualidade” (ARISTÓTELES, 1984, p. 246)<sup>13</sup>. A depender do caráter do agente, de sua subjetividade,

---

12 Diríamos: o personagem age, efetuando ações específicas porque estas provêm exclusivamente da possibilidade aberta por seu *ethos* próprio, construído pela totalidade de sua autorealização. A formulação “assumem caracteres para efetuar certas ações” parece apontar para uma lógica de causa e efeito na composição da obra.

13 Na tradução americana, “By Character I mean that in virtue of which we ascribe certain qualities to the agents”, ARISTÓTELES. *The Poetics of Aristotle*. Tradução e

sua mais íntima identidade, segue-se essa ou aquela qualidade. O contrário também serve: a depender das ações do personagem, essa e aquela qualidade inerente ao seu caráter. Tal entendimento geral, imediato, melhor, mediado pela subjetividade, *parece* estar inscrito na própria fala de Aristóteles. Ou estaria apenas em sua tradução? De todo modo, cabe elaborar melhor a compreensão para a noção de caráter.

Segundo a tradução da *Poética*, afirma Aristóteles,

[...] os imitadores imitam homens que praticam alguma ação, e estes, necessariamente, são indivíduos de elevada ou de baixa índole (*porque a variedade dos caracteres só se encontra nestas diferenças [e, quanto a caráter, todos os homens se distinguem pelo vício ou pela virtude]*), necessariamente também sucederá que os poetas imitam homens melhores, piores ou iguais a nós [...] (ARISTÓTELES, 1984, p. 242).

Deste modo, temos a imitação, ou, diria, a *mimesis poética* sendo identificada de acordo com o *caráter* dos homens que servem de referência, em consonância com o vício ou a virtude. O *caráter* na *Poética* é aquilo que distingue as espécies de poesias em função das variações do *objeto mimetizado*. Ou seja, dependendo do caráter tipificado (melhor, pior ou semelhante), teremos, por sua vez, um tipo de homem e ações compatíveis com tal caráter, portanto uma espécie de poesia diferente. Há, pois: homens de caráter elevado, grandes, nobres, outros homens de caráter baixo,

---

notas de S. H. Butcher. 4. ed. Macmillan: London, 1922, p. 25.

outros nem tão nobres, nem tão baixos, mas se assemelham mais a grande maioria. E assim, a poesia será épica, trágica ou cômica por estabelecer o seu objeto mimético a partir de certo nível, a partir de uma escala relativa à *índole*, ou melhor, relativa ao caráter mimetizado. Imprime-se, pois, uma medida ao caráter. Decorre daí a diferenciação na poesia, com respeito ao seu objeto. Há, portanto, diferentes modos de ser homem/personagem, em função do baixo ou elevado caráter, isso “porque a variedade dos caracteres só se encontra nestas diferenças” (ARISTÓTELES, 1984, p. 242), e, conseqüentemente, dele, do caráter, decorrerá ações que conduzam à felicidade ou à infelicidade.

É comum, portanto, encontrarmos nas várias traduções da *Poética* a designação da palavra *caráter* ou denominações correlatas para a palavra grega *ethos*. Contudo, devemos questionar nossa compreensão acerca do termo *caráter* a partir da experiência grega da *poiesis*. Podemos ver as seguintes traduções: na língua alemã, encontramos *Charakter*<sup>14</sup>; na inglesa, encontramos *moral character*<sup>15</sup>; na hispânica, *carácter*<sup>16</sup>; para o latim, *mores, moribus*<sup>17</sup>,

---

14 Ver “Denn die Charaktere fallen fast stets unter eine dieser beiden Kategorien; alle Menschen unterscheiden sich nämlich, was ihren Charakter betrifft, durch Schlechtigkeit und Güte”, ARISTÓTELES. Susanne Albers 2018, p. 1, Disponível em: <https://www.susannealbers.de/03philosophie-literatur-AristotelesPoetik.html>.

15 Ver passagem do Capítulo II da *Poética*: “(for moral character mainly answers to these divisions, goodness and badness being the distinguishing marks of moral differences)”, ARISTÓTELES, 1922, p. 11.

16 Ver ARISTÓTELES. *Poética de Aristóteles*. Edición Trilingüe, por Valentín García Yebra. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica, 1974, p. 131.

17 Ver “(mores enim ferme hos consequuntur solos: nam vitiositate et virtute in moribus differunt omnes)”, ARISTÓTELES, 1974, p. 131, grifo meu. Aqui, ao traduzir a expressão grega *arete ta ethe* (literalmente *virtude ética*), verte-se o adjetivo *ethe* para o substantivo latino moral, *moribus, virtute in moribus*. A escolha tradutória altera significativamente o sentido e mais ainda a experiência a que a palavra remete. Fica, pois, insinuada uma escolha. A propósito desta tradução, vale consultar as importantes considerações de Ronaldo Ferrito, em FERRITO, Ronaldo. *Ética*. In: CASTRO (Org.). *Convite ao pensar*. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

moral. Para nós, para a nossa pergunta pelo caráter nobre de Riobaldo, importa tentarmos uma aproximação da experiência grega, experiência originária disso que se diz hoje como *caráter*. Ora encontramos o termo *Charakter*, *caráter moral*, ora *carácter*, ora somente *moral*. A conclusão a que podemos chegar, com base nas escolhas de tradução acima mencionadas, é que estamos diante de uma questão, a propósito da decisão interpretativa presente nestas mesmas traduções. E, ressalte-se que, o que nos importa aqui é o que o nome recebe da experiência grega e não qual palavra será usada para traduzir. Na tradução corrente, algo ficou fora de questão, visto tomarem sempre uma mesma posição interpretativo/tradutória para uma palavra tão enigmática. O nosso enigma está na procura pela experiência grega para o *ethos*<sup>18</sup>, que compõe a expressão *arete ta ethe* (a virtude ética).

Estranho, a tradução da palavra não nos causar espécie: por que em todas as traduções da palavra *ethos*, *ethe* e suas variações, a mesma sempre é vertida como *caráter*<sup>19</sup> ou coisa que valha? A tradução não causa estranheza alguma, posto que ela é exemplar,

---

18 Vale consultar o Dicionário de Poética e Pensamento de Manuel Antônio de Castro, CASTRO, Manuel Antônio de. *Éthos*. In: Dicionário de poética e pensamento. Disponível em: < <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Ethos>>. Acesso em: 7 de abril de 2020.

19 Segundo Heidegger, ao citar uma tradução para a palavra *ethos*, no contexto de sua interpretação da sentença 119 de Heráclito, menciona que traduzir *ethos* por “modo específico” revela uma forma de pensar “bem moderna, psicológica, caracteriológica”, HEIDEGGER, Martin. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental: lógica a doutrina heraclítica do logos*. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 1998, p. 358. A mesma consideração poderia ser aplicada a sua tradução por caráter. Heidegger afirma ainda que, na tradução de uma palavra fundamental, do pensamento ou da poesia, é importante que o tradutor seja fiel a palavra, ainda que procure também certa literalidade: “Se, no entanto, a tradução pretende ser não apenas literal, mas fiel à palavra, é a partir da fidelidade já dominante na unidade da palavra, isto é, na totalidade da sentença, que as palavras devem experimentar sua força de nomeação e conjunção” HEIDEGGER, 1998, pp. 61-62. Por esse motivo, temos a obrigação de questionar as traduções que são incapazes de portar a força nomeadora de sua origem.

inteiramente adequada ao modo de compreensão contemporânea do que vem a ser o homem como sujeito no interior do pensamento metafísico. Não obstante, nós devemos nos espantar com essa tradução, pois ela não revela sua experiência originária.<sup>20</sup> Temos aqui uma indicação de que tal escolha de tradução oculta uma experiência mais originária e radical para a palavra *ethos*. Isto nos coloca diante de uma aproximação do que a palavra *ethos* pretende dizer. Para experimentar o que nos diz *ethos*, não seguiremos o imediatamente esperado: compulsar a *Ética Nicomaqueia*, de Aristóteles, para encontrar um caminho certo e seguro para nossas indagações. Essa decisão repousa numa suspeita, de nos enraizarmos ainda mais numa leitura metafísica da ética, além de nos desviar sobremaneira do propósito prévio da pesquisa. E, afinal, não deve ser atoa que Aristóteles tenha sido chamado de o *corifeu da ética metafísica*<sup>21</sup>. Por isso, saltemos para além e aquém desse fundo, saltemos para o pensamento de Heráclito.

É no fragmento 119 de Heráclito que encontramos uma indicação mais adequada à experiência do *ethos* grego de maneira mais fundamental. O fragmento diz: *Ethos anthropou daimon* A morada do homem é e está no extraordinário. (LEÃO, 2013, p. 132)

Martin Heidegger situa o fragmento 119 de Heráclito “como um dos mais essenciais que [nos] foram legados”. Afirma ainda que ele talvez “só se deixe discutir no final de uma interpretação conclusiva de Heráclito” (HEIDEGGER, 1998, p. 359) – que, obviamente, não tomaremos aqui o seu desenvolvimento. Em

---

20 Há uma palavra específica para caráter, na língua grega – resta considerar se na época da composição da *Poética* era comum o seu uso. Nosso substantivo *caráter* deriva diretamente do latim *character* e do grego *charaktēr – éros*, CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

21 Cf. “Sócrates, Platão e Aristóteles, os corifeus da ética metafísica”, LEÃO, Emanuel Carneiro. *Filosofia contemporânea*. Teresópolis: Daimon, 2013, p. 126.

sua tradução e interpretação fundamentais, defende que a palavra *ethos* seja vertida por *morada*. Diz Heidegger: “não traduzimos *ethos* por “comportamento moral”, mas por *morada* no sentido de habitar, residir em meio aos entes” (HEIDEGGER, 1998, p. 358). Retenhamos de sua fala apenas o *desafio* de pensar o *ethos* como *morada* do homem, conduzido pela experiência do extraordinário. Isso já será o suficiente por ora.

O personagem Riobaldo, de *Grande Sertão:Veredas*, parece estar sintonizado com essa mesma perplexidade diante do extraordinário em sua vida, de sua *morada*, de sua abertura, de seu modo próprio de ser, na medida em que pretende pensar suas ações, colocando em questão aquilo que ele se tornou, tal como se tornou. Essa admiração é expressa por ele mesmo na passagem já mencionada que repetiremos:

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da *gã* que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! (ROSA, 2006, p. 100)

Ele queria entender acerca daquilo que dá origem às suas ações, às ações humanas; ele queria entender a causa, o que move o homem para *fazer tantos atos*. Pretendia compreender e decifrar o essencial da vida, sua força, a *gã* que empurra o homem para tantas ações, o extraordinário que é a vida. Essa *gã* é originada

lá onde se determina e se configura o que estamos procurando compreender como *ethos*, como a morada do homem enquanto morada do extraordinário, no extraordinário. É essa abertura que constitui a morada do homem, o seu habitar enquanto o fazer e agir a partir de *ethos*, desde esse espaço aberto e extraordinário. Esse é o maior *direito*, o seu direito, direito de ser o que já se é, no que se pode ser; seu direito é ser naquilo que é o mais próximo e imediatamente possível de sua humanidade, mais próximo de sua terra, de sua origem: isto é o que constitui suas ações. Vale lembrar que Riobaldo declara, quando da cerimônia do pacto, afirma: “acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!” (ROSA, 2006, p. 420). É dessa sua morada que advém suas ações: a morada do extraordinário.

É por esse motivo que jamais irá bastar a tentativa de elaboração de um modelo conceitual ou parâmetro fixo e exemplar de nobreza ou elevação para as ações humanas. Nem tampouco será possível compreender, nessa dimensão de autorealização existencial, o caráter como uma substância, pois assim ele será como uma coisa que se classifica a partir de leis morais previamente dadas. O que pode se tomar como parâmetro, ainda que permaneça como questão, é a *humanidade do homem como uma travessia extraordinária e desafiadora*. Como afirma Emmanuel Carneiro Leão, a “essência ética de uma ação não está, portanto, na remissão para um valor, mas se deixa concentrar toda no próprio movimento de agir”. Ele completa esta ideia dizendo que “somente na fonte-raiz, o movimento ético pula por si mesmo para fora e brota, emergindo na e da ação” (LEÃO, 2013, pp. 120-121). Assim, realização e autorealização parecem uma única e mesma coisa: o que se faz, o que se é. É a possibilidade da sintonização mesma com essa medida de autorealização do humano, enquanto *travessia* para a autosuperação

de si, comportando, necessariamente, toda a força e o vigor que impõe as *ekstases*<sup>22</sup> temporais, isto é, as dimensões de concretização do tempo, pensado existencialmente, é nisto que está a própria revelação da universalidade do *ethos* humano. Isso é o que parece dar-se como modelo ou parâmetro, melhor, como a medida mesma das ações humanas. Reformulando: é na autorealização existencial que encontramos a medida do *ethos*. É possível que a universalidade do *ethos*, presente em cada concretização histórica numa forma específica do humano, do próprio, se dê e se mostre sempre enquanto busca de autorealização de uma destinação histórica.

Portanto, a superioridade do caráter de Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*, fala tão somente de um movimento de distinção, de agravamento de ânimo, de intensificação e persistência em agir segundo tal abertura, fala de apropriação de *ethos*. Isso é o mesmo que insistir em corresponder a um modo de ser já aberto, o seu próprio modo de ser, já disponível, já disposto enquanto vida, a sua vida. E esse agravamento se dá, se oferece, na medida em que Riobaldo vai conquistando o seu próprio, o seu lugar, o seu elemento de ação, na ação mesma, vai conquistando sua morada, *o que era seu por direito*. Isso que está muito perto e que não se sabe é o próprio *ethos*. *Nosso ethos*, não por que o possuímos. *Nosso*, porque é a partir dele que somos constituídos, e por isso, somos muito mais dele do que ele é nosso.

---

22 A palavra *ekstase* no vocabulário de Martin Heidegger, especialmente abordado na obra *Ser e Tempo*, corresponde a uma experiência originária com o tempo, apontando para as dimensões temporais específicas: *porvir*, ter sido e atualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas breves notas pretendem abrir um caminho de leitura para a obra *Grande Sertão:Veredas*, propondo a interpretação da obra como um tratado *poético* de *ethos*. Nele a medida é estabelecida pelo extraordinário, conquistado pela travessia. Considerando a interpretação do *ethos* como morada, podemos dizer que Riobaldo é a configuração de uma abertura, a configuração de uma ética destacada, nobre, por diversos motivos. O maior deles é a descoberta do seu *ânimo*<sup>23</sup> próprio, seu *ethos*, sua morada, a nobreza do seu *caráter*, com o qual podemos aprender. A esse respeito, pode-se dizer que Riobaldo está afinado com o que está dito no aforismo 287 de Nietzsche, da obra *Além do bem e do mal*, quando este dá uma resposta para a pergunta *o que é nobre?*: “Não são os atos que o apontam [...]. Não são as obras, é a *fé* que aqui decide [...]: alguma certeza fundamental que a alma nobre tem a respeito de si, algo que não se pode buscar, nem achar, e talvez tampouco perder. *A alma nobre tem reverência por si mesma.*” (NIETZSCHE, 2005, p. 174).

E que *fé*, que reverência Riobaldo demonstra enquanto narra sua vida? Ele não deposita, certamente, sua *fé* nem em deus nem no diabo. Em que é que ele deposita sua *fé*, portanto? Ele afirma, em suas últimas frases: “O diabo não há! É o que eu digo, se for...”. Daí se segue: *se for...*, se o diabo não existe, não há diabo algum. O que há? O que existe? Responde: “Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2001, p. 624). Deste modo, está dito: sua *fé* é no humano, na travessia do homem humano. A palavra travessia sintetiza tudo o que há, o que existe, o que é a vida humana. E a travessia se dá, existe enquanto a descoberta e a

---

23 Diadorim fala a Riobaldo: “Você também é animoso...”, ROSA, 2001, p. 123.

conquista do próprio *ethos*. Se há o que venerar e reverenciar é o humano e sua travessia, isso é o que Riobaldo queria entender, a *matéria vertente*. Esse é o desafio de conquista do *ethos*, da morada: “O desafio do homem [consiste] na sua travessia de apropriação do que lhe é próprio (*ethos*) nas possibilidades de realização do ser; isto é, só o homem deve *aprender* a ser aquilo que ele é e não é sempre de novo, a cada época e nova conjuntura de sua existência” (FERRITO, 2014, p. 88). Esse o desafio e a certeza, a fé e a procura pela humanidade do humano, pelo *ethos*. Assim, o desafio para nós hoje, em nossa conjuntura, aparece como convocação à autorealização e à reverência do humano. Estamos sempre sendo convocados para a autoperfeição do humano: a *travessia da gente*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Eudoro de Souza. In: *Aristóteles*. São Paulo: Abril, 1984.

\_\_\_\_\_. *Poética de Aristóteles*. Edición Trilingüe, por Valentín García Yebra. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica, 1974.

\_\_\_\_\_. *The Poetics of Aristotle*. Tradução e notas de S. H. Butcher. 4. ed. Macmillan: London, 1922.

CASTRO, Manuel Antônio de. Éthos. In: *Dicionário de poética e pensamento*. Disponível em: <<http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Ethos>>. Acesso em: 27 de abril de 2020.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FERRITO, Ronaldo. Ética. In: CASTRO, Manuel (Org.). *Convite ao pensar*. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

HEIDEGGER, Martin. Heráclito: a origem do pensamento ocidental: lógica a doutrina heraclítica do logos. Rio de Janeiro: Relume Dumaré, 1998

LEÃO, Emanuel Carneiro. *Filosofia contemporânea*. Teresópolis: Daimon, 2013

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2. e. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 555.

MOREIRA, Fábio Galera. *Ser homem no grande sertão: travessia, tempo, ser*. Tese (Doutorado em Letras - Poética) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal*. 1. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 1. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral*. 1. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_. O espelho. In: *Primeiras estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. *The Devil to Pay in the Backlands*. Tradução de James L. Taylor & Harriet de Onís. New York: Alfred A. Knopf, 1963.

SANTOS, Julia Conceição Fonseca. *Nomes dos personagens em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.